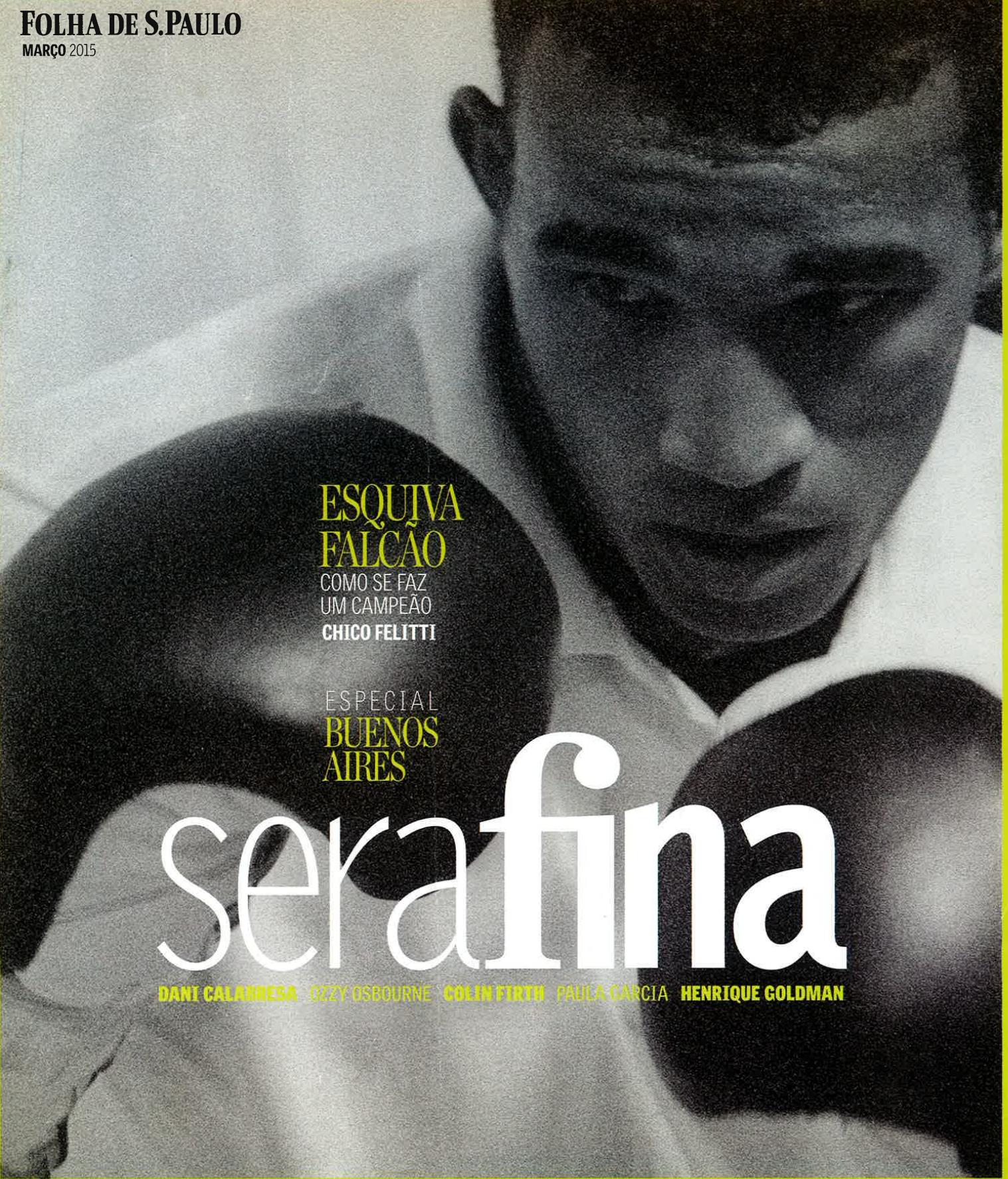


FOLHA DE S.PAULO

MARÇO 2015



ESQUIVA
FALCÃO
COMO SE FAZ
UM CAMPEÃO
CHICO FELITTI

ESPECIAL
BUENOS
AIRES

serafina

DANI CALABRESA GZZY OSBOURNE COLIN FIRTH PAULA GARCIA HENRIQUE GOLDMAN



Paula Garcia em ferro-velho, em Taboão da Serra.
onde coleta metais para suas performances

PAULA GARCIA

POR SILAS MARCELO | FOTOS MARINA MALTOMI



DISCÍPULA DE MARINA ABRAMOVIC, A PERFORMER PAULISTANA PAULA GARCIA PREPARA UMA
TEMPESTADE METÁLICA PARA ACCOMPANHAR A RETROSPECTIVA DA ARTISTA SERVIA EM SÃO PAULO

contra paredes imantadas, numa espécie de fúria ritualizada.

"Trabalhar com o magnetismo é uma forma de lidar com forças visíveis e invisíveis, sempre com o peso e com a leveza", diz a artista. "Mas não tenho ideia do que vai acontecer. Nunca fiz um trabalho com o desafio físico que vou enfrentar agora. Talvez eu quebre um dedo, machuque feio a perna, mas isso não importa. O que importa é estar lá de verdade."

Minutos antes de uma tempestade de verão, Paula Garcia tenta calcular com os olhos o peso de uma montanha de entulho. "Olha esse lugar. Está vendo? Eu comprei todo esse lote", diz a artista, apontando para uma pilha imensa de mesas e armários metálicos enferrujados num ferro-velho em Taboão da Serra, nos arredores de São Paulo. "Preciso de umas quatro toneladas disso."

Ela fala de quantidades industriais de metal como outro artista falaria de tintas ou pincéis. Isso porque Paula, 39, está acostumada a juntar e arremessar volumes de ferro contra superfícies magnetizadas nas performances que faz.

Nessa pegada heavy metal, a paulista na prepara uma ruidosa tempestade metálica, contida numa sala cheia de ímãs, para acompanhar a retrospectiva da artista sérvia Marina Abramovic, que abre no dia 11 de março, no Sesc Pompeia.

Nos próximos dois meses, Paula vai passar oito horas por dia, sem descanso, revolvendo e atirando pedaços de ferro

"A MAIOR DIFICULDADE HOJE É SE SENTIR PRESENTE. NÃO É NADA ESOTÉRICO, É SÓ VIVER DE VERDADE"

NO MATO SEM CACHORRO

Paula sentiu a presença da artista pela primeira vez quando ajudou a montar uma exposição da sérvia na galeria Luciana Brito, em São Paulo, há cinco anos. Durante a montagem, Marina soube que Paula também fazia performances e quis conhecer seu trabalho. "Senhei com a Marina, quando frio, e abri o computador", diz. "Mostrei essa pesquisa com os ímãs. Ela adorou."

Logo, Paula estava em Nova York,

pronta para ser treinada no famoso "método Abramovic", rito de iniciação para todos que querem fazer parte da entourage da artista, um programa que ela vai repetir no Brasil com performers que participam de sua mostra no Sesc.

"É muito simples", explica Paula, braço direito da sérvia em seus projetos no país. "A gente vai para um lugar que tenha natureza e onde todos possam dormir juntos no chão. Nesses dias, a gente não fala nem come. O máximo de comida é chá e, às vezes, a Marina dá umas colheres de mel. A gente acorda com o sol raiando, vai para o rio, tira a roupa, entra na água gelada e depois faz uns exercícios. Em um deles, a gente vai para o meio do mato com uma cadeira e uma vinda nos olhos e fica lá sentado, por horas, perdendo a noção do tempo."

Em sua performance mais recente, realizada em 2014 num centro cultural suíço, Paula explorou essa questão temporal. Passava horas diante de uma pilha de entulho metálico, testando a paciência do público, até que vestia uma armadura magnetizada e virava o alvo de assistentes que arremessavam pregos e outras ferragens contra seu corpo.

"Era ferro, ferro, ferro", lembra. "Os caras acabaram com meia tonelada de pregos. Cheguei a segurar cem quilos de peso com o corpo. Quando a ação começou, eu sinto que vem uma força enorme."

Essa força talvez tenha um pé no teatro. Antes de estudar artes plásticas em São Paulo, Paula fez artes cênicas e ficou dois anos no elenco do Teatro Oficina, de

"NUNCA FIZ UM TRABALHO COM ESSE DESAFIO FÍSICO. TALVEZ EU QUEBRE UM DEDO, MACHUQUE FEIO A PERNAS"

José Celso Martinez Corrêa, onde começou como camareira. "Lá é tudo muito visceral. A fronteira entre a performance e a atuação é muito tênue. A vivência é uma entrega plena."

Quase duas décadas depois da passagem de Paula pelo Oficina, Zé Celso ainda se lembra de sua presença cênica marcante. "Ela era clubber, toda tatuada, linda", diz o diretor. "Ela levava o teatro no corpo, vivia a performance pelas roupas que vestia, pelo corte de cabelo, pela voz muito bonita."

Juntando a visceraleidade do Oficina com a disciplina quase militar de Marina Abramovic, Paula agora quer chegar ao ápice da própria presença – e quanto mais magnética melhor.

"A maior dificuldade que a gente tem hoje em dia é a de se sentir presente", diz a artista. "Não é nada esotérico, é só viver as coisas de verdade. Minha maior preocupação é saber se estou com o espírito pronto para isso." ■